

TRABALHO DE ENCADERNAÇÃO E A GESTÃO DA BIBLIOTECA: UMA INTERRELAÇÃO INDISMENITÍVEL

por Maria Luísa Cabral *

A encadernação de biblioteca tem características que a tornam um elemento importante na gestão das bibliotecas. As linhas de trabalho que uma oficina de encadernação adopta têm de servir os interesses mais gerais da gestão das colecções mas também têm de estar ao serviço duma estratégia de preservação. Esta relação mútua é evidente tanto no circuito da leitura como na gestão dos depósitos. A encadernação, nesta perspectiva, assume um papel de primeiro plano e deixa de poder ser considerada como trabalho subalterno ou meramente oficial. As consequências do ponto de vista da gestão do pessoal, incluindo a formação e especialização técnicas, são, portanto, consideráveis.

BINDING AND THE LIBRARY MANAGEMENT: AN UNDENIABLE INTERRELATIONSHIP

by Maria Luísa Cabral

Library binding follows technical specifications which make it an important element within library management. The work lines adopted by a bindery have to consider the widest objectives of collections management as they have to consider the preservation policy. This mutual relationship is very clear whether in the reading area as in the storing one. Therefore, binding plays a very important role and cannot any longer to be considered as a minor work or merely a manual one. The consequences under a staff management viewpoint, including apprenticeship and training, are then considerable.

* Directora de Serviços, Aquisições, Processamento e Conservação, Biblioteca Nacional

O TRABALHO DE ENCADERNAÇÃO E A GESTÃO DA BIBLIOTECA: UMA INTERRELAÇÃO INDISMENTÍVEL

A *encadernação de biblioteca* não tem tradição em Portugal mas em vez deste facto poder (e dever) suscitar curiosidade, contribuindo para uma ampla discussão e posterior introdução, como seria legítimo esperar e como aconteceu, por exemplo, com a informatização. Pelo contrário, no meio de tantos bibliotecários, encadernadores e oficinas de encadernação o interesse geral ainda não despertou quando se está nos alvares duma mudança que implica conceitos, políticas e soluções técnicas inovadoras. Não parece haver ainda sensibilidade para o problema e como se exige um corte com a prática tradicional e artesanal, criou-se, talvez, um clima de alguma desconfiança e cepticismo. Descrença nos processos técnicos, em novas soluções, dúvidas sobre a na mecanização de procedimentos que têm sobrevivido por mérito da arte e habilidade de alguns. Entre a encadernação artesanal e a encadernação industrializada, as diferenças são muitas mas é reconhecendo a adequação da encadernação industrializada às novas exigências de leitura que o salto qualitativo é inegável.

O objectivo desta intervenção será, pois, contribuir para a divulgação de conceitos e práticas novas às bibliotecas portuguesas com base na experiência em curso na Biblioteca Nacional. Para a Biblioteca Nacional também os tempos são de experimentação e de descoberta mas sendo estes tão ricos e variados, tão sugestivos quanto a novas possibilidades de desenvolvimento profissional, achei que valia a pena reflectir convosco sobre o que se vai passando em matéria de encadernação na Biblioteca Nacional seja na sua Oficina de Encadernação seja nas suas relações com o sector privado. Para mim e, estou segura, como para os que me ouvem, desbravar e

aprender parecem ser as palavras de ordem já que não foi nos bancos da escola que aprendemos alguma coisa sobre encadernação. Também não entrarei em detalhes de ordem técnica. Esses apreendem-se com os livros nas mãos, na oficina. Optei para esta comunicação, por reunir uma séria de preocupações e ideias que, espero, sirvam de introdução à problemática da encadernação.

Comecei esta participação referindo *encadernação de biblioteca*. De facto, ao sentir necessidade de individualizar o conceito de *encadernação de biblioteca*, é porque implicitamente aceito a existência de outros tipos de encadernação, nomeadamente, a *encadernação comercial* ou a *encadernação artística* ou a *encadernação de restauro*.

Não será necessário grande explicação para se compreender de imediato o sentido das expressões *encadernação de restauro* ou *encadernação artística*. A *encadernação de restauro* ocorre quando temos nas mãos uma obra que sofreu uma intervenção laboratorial, fosse ela extensa ou não, e que precisa de uma encadernação condicente, a respeitar época, técnicas e estilo, executada com matérias-primas estáveis quimicamente. Trata-se sempre de uma encadernação individualizada, a exigir trabalho intensivo, muito dispendiosa e demorada a que poucos se podem dar ao luxo. Um trabalho estimável que vai rareando, a requerer grande atenção por parte das instituições oficiais. A *encadernação de restauro* pode ser artística mas a *artística* não tem, certamente, as preocupações duma *encadernação de restauro*. Começará logo pelo facto da estabilidade química não constituir uma condição *sine qua non*; depois não se trata de uma encadernação que culmine o acabamento de conservação e restauro; e finalmente, como o nome indica, ela pode ser o veículo de uma expressão artística liberta de quaisquer peias. Entre as *encadernação de restauro* e *artística* por um lado e a *encadernação de biblioteca* por outro, não há, por assim dizer, competição. É entre a

encadernação de biblioteca e a *encadernação comercial* que se colocam opções a exigir justificação sólida. Alongar-me-ei um pouco mais, assim, sobre a *encadernação comercial*.

A *encadernação comercial* é, então, aquela tão nossa conhecida que servindo apenas como acabamento de tipografia não cumpre o que seria legítimo qualquer leitor esperar, isto é, que a capa e o miolo se mantivessem reunidos mau grado um intenso manuseio. Efectivamente, os editores com a preocupação de reduzirem os custos eliminaram determinados passos técnicos enfraquecendo a resistência do livro. Numa oficina de encadernação com intuítos comerciais, a capa e o miolo são produzidos de forma independente, encontrando-se, capa e miolo, quando estão prontos para serem colados um ao outro, dando-se então por terminada a montagem. Esta ligação é tão superficial e frágil que facilmente cede, sobretudo se os livros forem pesados. A função da encadernação que é de proteger o miolo, logo o conteúdo, fica assim posta em causa. Para clarificar o que digo, basta recorrer aos exemplos da produção nacional, ao depósito legal, para que todos identifiquem certas editoras portuguesas que abusam do desleixo disponibilizando no mercado títulos que não resistem a meia-hora de manuseio. Já nos aconteceu a todos pegar num livro e ficar com os cadernos, quando não as folhas, nas mãos. Se estes livros se comportam assim no circuito doméstico o que se poderá esperar deles quando envolvidos no circuito intensivo, “consumista” das bibliotecas?! Estes são os melhores casos da dita *encadernação comercial* que se pratica com o exclusivo objectivo de conseguir um acabamento rápido, um negócio imediato. É inevitável, pois, concluir que as editoras não produzem livros para serem usados em bibliotecas.

A *encadernação de biblioteca* situa-se nos antípodas e podíamos defini-la pela negativa: não é artística, não é de restauro, não é comercial. Alternativamente, é forte, durável e flexível. Trata-se de um tipo de encadernação cujos custos podem ser consideráveis, apresentado características técnicas que garantem durabilidade, flexibilidade e permanência, assumindo-se como elemento fundamental numa política global de preservação e conservação, de execução rápida, com recurso a procedimentos técnicos mecanizados, numa solução semi-industrial, aplicando matérias-primas quimicamente estáveis, sem preocupações de ordem estética. É oportuno aqui enumerar as principais diferenças entre estes dois tipos de encadernação. Assim,

Encadernação comercial	Encadernação de Biblioteca
1 título = milhares de exemplares	1 título = 1 exemplar
Exemplares novos em folha	Exemplares com uso e em condições diversas
Uniformidade de situações	Variedade de situações
Procedimentos automatizados rápidos	Procedimentos mecanizados e manuais

Ou seja,

Importância ao aspecto do livro	Importância à resistência do livro
Relegando qualidade dos materiais que devem ser baratos e aguentar a mecanização	Valorizando a qualidade dos materiais, independentemente do custo, estética e rapidez de aplicação

É esta encadernação que revela profundos elos com a gestão da biblioteca. Qual o seu lugar, então? Qual o seu objectivo? Se interfere com o circuito do processamento bibliográfico, quando é que esse *interface* se dá? A que rotinas ou procedimentos anda a *encadernação de biblioteca* associada?

De facto, a *encadernação de biblioteca* tem direito a lugar de destaque na gestão da biblioteca e vai sendo altura dos bibliotecários portugueses ponderarem esta questão. A função encadernação oferece alternativas: não é qualquer encadernação que serve os objectivos da encadernação. Aquela que serve, de facto, as bibliotecas reúne características próprias que devem ser observadas e esta é a *encadernação de biblioteca*. Continuar a imaginar que a encadernação pode ser levada a cabo ignorando a estratégia global definida para a biblioteca, é alimentar um erro grosseiro e de graves consequências a médio e longo prazo. A encadernação não pode viver independente das restantes funções da biblioteca. A encadernação deve ser considerada parte integrante desta, ou não fossem os livros o cerne de toda a questão, e apenas varia consoante o tipo de biblioteca. As exigências duma biblioteca pública ou duma biblioteca universitária não são, obviamente, as mesmas duma biblioteca patrimonial. A encadernação varia, portanto, apenas consoante os livros se destinam a **ser consumidos** ou a **ser transmitidos**.

Embora o termo “consumir” possa soar um pouco agreste, que outro termo se pode aplicar tão convenientemente à disponibilização de obras em regime de acesso livre, nas bibliotecas públicas e que, como tal, são avidamente procuradas pelos utilizadores? Pelo contrário, em bibliotecas patrimoniais, o objectivo principal é passar o testemunho às gerações futuras. Apesar de idêntico apetite por parte dos leitores, existe uma preocupação clara de controlo dessa voracidade. O *Cancioneiro da Ajuda*, a *Menina e Moça* de Bernardim, um *Livro de Horas* do séc. 15 ou 16, são obras para serem preservadas e, como tal, a encadernação que exigem não é a de *biblioteca*. Há que respeitar a época, o estilo, a estrutura original do livro. Para estes livros, e milhares doutros de valor e significados idênticos, só a *encadernação de restauro* serve.

Assim, a primeira e definitiva separação. A *encadernação de biblioteca* apenas para ser aplicada nas obras a consumir, nas bibliotecas públicas, nas universitárias, e quando esse tipo de obras existir, nas patrimoniais. É bom ter presente que a *encadernação de biblioteca* serve para fazer frente ao intenso manuseio, à psicose da fotocópia, a um público muito vasto e indiscriminado. Por acaso, o mesmo público para quem se compra equipamento à prova de qualquer mau trato.

Para a execução da *encadernação de biblioteca* posso optar pela oficina da biblioteca ou pelos serviços de uma empresa privada. Se calhar, às vezes haverá necessidade de manter estas duas frentes mas, seja qual for a opção, a *encadernação de biblioteca* deverá: 1. **Adoptar** materiais resistentes, quimicamente estáveis, mesmo que sejam mais dispendiosos e mesmo que a sua aplicação seja mais lenta. Por exemplo, o tecido para a capa deverá ser neutral e lavável, a cola deverá manter a sua flexibilidade mesmo depois de seca; 2. **Introduzir** soluções técnicas que garantam que a encadernação se torna mais sólida, mais flexível e durável. Por exemplo, reforçar a cabeça com corda, usar talagarças e reforços de forma a proporcionar maior resistência ao livro; 3. **Manter** as características originais tanto quanto possível nunca interferindo com o miolo. Por exemplo, ao aparar não atingir a mancha tipográfica nem diminuir em excesso as margens; 4. **Permitir** uma abertura do livro a 180° para que o mesmo aguente uso múltiplo e as fotocópias; 5. **Garantir** que o livro, quando pousado, mantenha por si só a abertura a 180°. Resumindo, uma boa **encadernação de biblioteca** tem, pois, dois objectivos maiores: corresponder a um mínimo de intervenção e conseguir uma boa abertura.

É nas colecções de de acesso livre que a **encadernação de biblioteca** encontra amplo espaço de manobra e as questões mais imediatas a resolver prendem-se com a **selecção de obras a encadernar** e com a **atribuição de prioridades**.

Seleccção de obras porque nas bibliotecas públicas e nas universitárias a rotatividade das obras é muito grande. Face à renovação constante das colecções não se torna rentável, nem é necessário, mandar encadernar obras cujo tempo de vida útil se prevê breve. **Atribuição de prioridades**, porque nem todas as obras terão a mesma procura e na eventualidade de não dispor de orçamentos para tudo encadernar, ou no caso de não dispor de recursos técnicos e humanos para tudo encadernar, é preciso definir o que se encaderna primeiro.

Admitindo que a *encadernação de biblioteca* se torna uma realidade para qualquer tipo de biblioteca, a *encadernação de biblioteca* actuará sempre no âmbito da estratégia global de preservação e conservação. Porque mesmo que as obras sejam para consumir, usar e deitar fora, há um período de tempo, devidamente calculado, durante o qual essas obras devem estar à consulta nas melhores condições possíveis para a obra e para o leitor. Ou seja, no custo real das obras, para efeitos de planeamento orçamental, deve ser considerado o custo do livro mais o custo da encadernação.

Resta-me analisar, então, qual o lugar e o papel da *encadernação de biblioteca* nas bibliotecas patrimoniais e não existe nesta afirmação nenhuma contradição com o que ficou dito mais atrás sobre a relação entre a *encadernação de restauro* e a biblioteca patrimonial. De facto, nas bibliotecas patrimoniais haverá sempre núcleos de obras que não têm carácter patrimonial e a esses a *encadernação de biblioteca* aplica-se sem hesitação. É o caso típico, por exemplo, dos chamados “usuais” ou “obras de referência”. No fundo, este conjunto disponível em acesso livre não difere em nada dos

livros também em acesso livre existentes nas bibliotecas públicas e nas bibliotecas universitárias. Na Biblioteca Nacional foi exactamente por estes que começámos a experimentar novas soluções técnicas e novos materiais.

Mas para além dos “usuais” ou das “obras de referência” a que outros núcleos, nas bibliotecas patrimoniais, se pode aplicar a *encadernação de biblioteca*? Sem prejuízo das obras, do seu valor histórico e do seu conteúdo, para o caso de encadernações sem valor histórico, deterioradas, lombadas partidas, cantos dobrados, pode sempre adoptar-se com vantagem a encadernação de biblioteca. E a pergunta – a única – a colocar é a seguinte: se a obra não está em condições de ser emprestada (ou de vir à leitura) porque a encadernação dado o seu mau estado deixou de desempenhar a função que se pretendia dela, será que se ganha alguma coisa mantendo estas encadernações sem conserto nas estantes e, conseqüentemente, as obras afastadas dos leitores? Por oposição, o que se ganha substituindo, ou renovando, a encadernação? A resposta é bem simples: com uma nova encadernação, sem pretensões mas apenas com o objectivo de recuperar mais um livro, consegue-se recolocar essas obras no circuito da leitura. E é para isso que as bibliotecas existem: se as obras estiverem impedidas de ser usadas, as bibliotecas tornam-se museus e esse destino, contrariando a própria natureza das coisas, constituiria a perversidade total. Para quem trabalha na Biblioteca Nacional, ou recorre à BN como leitor, é doloroso constatar a quantidade de livros que têm uma mecha indicando “mau estado” o que significa inevitavelmente “não vai à leitura”. Muitas destas mechas escondem encadernações quebradas, descoladas, partidas. Uma vez verificado o bom estado de conservação do miolo, a resistência e a flexibilidade do papel, também se optou por aplicar a esses livros, que não são de acesso livre, a chamada *encadernação de biblioteca*. Seria extemporâneo tirar conclusões nesta fase

tão inicial do Programa em curso na BN mas após uma primeira verificação, a satisfação é grande.

Neste ponto, abordei uma questão vital subjacente à *encadernação de biblioteca*. Por vezes, a *encadernação de biblioteca* é a solução alternativa que permite que as obras continuem a cumprir o seu destino. Independentemente da biblioteca ser ou não de livre acesso, há obras que são retiradas da leitura por não reunirem aquelas condições mínimas que permitem o seu manuseio. Se a *encadernação de biblioteca* pode obviar a este problema, então, na prática, o objectivo é dispor nas estantes do maior número possível de obras encadernadas. Claro que esta é uma assunção optimista que exige fundamentação em dados estatísticos indicativos sobre níveis e volumes de leitura e sobre as tendências de leitura. A não ser que os orçamentos fossem inesgotáveis; a não ser que os recursos humanos fossem vastos e altamente qualificados; a não ser que os recursos técnicos fossem de qualidade superior, não há biblioteca alguma que se encontre na situação de garantir a encadernação maciça dos seus fundos e/ou das suas novas aquisições. Impõe-se, assim, uma selecção: por onde começar? Que tipo de obras devem integrar o programa de encadernação? Que obras estão, à partida, excluídas de qualquer programa de encadernação? Quais são as soluções técnicas que este programa de encadernação oferece? O programa de encadernação aplica-se apenas com um sentido de recuperação, ou aplica-se sobre as novas aquisições? Será, ou não, de distinguir as colecções de circulação das colecções especiais? Se um programa de encadernação é um pilar fundamental dum programa de Preservação e Conservação, então que outras soluções alternativas se contrapõem à própria encadernação?

Não vou responder esmiuçadamente a estas questões, todas do foro da gestão e administração de bibliotecas, mas gostaria de não perder a oportunidade para apresentar,

ainda que em traços grossos, as diversas fases que corporizam o Programa de Encadernação da Biblioteca Nacional.

Assim,

1ª fase – em curso nas Oficinas da BN, iniciada em Fevereiro de 1997. Consta da recuperação das obras em “acesso livre” nas diferentes Salas de Leitura, com alguma preocupação de ordem estética. Por exemplo, é inadmissível manter volumes da mesma obra com encadernações diferentes, de cores e tamanhos diferentes. As obras estão classificadas e a cada classe foi atribuída uma cor. Na medida do possível, as encadernações originais são mantidas ou são reproduzidas tão fielmente quanto possível, por exemplo como aconteceu com a Enciclopédia Luso-Brasileira;

2ª fase – em fase de verificação após execução por contrato com firma comercial. Processo iniciado em 1997 e que se repetirá em 1998. Trata-se de recuperação de obras das colecções propriamente ditas, portanto que não estão em acesso livre, obras sem carácter histórico, impedidas de vir à leitura dado o seu mau estado ou, então, obras previsivelmente candidatas a não poderem vir à leitura como são as teses universitárias ou obras entradas por Depósito Legal cujas encadernações, diz-nos a experiência, não aguentam meia dúzia de consultas.

3ª fase – ainda em preparação, a iniciar em Junho de 1998 e dependente da montagem da unidade de encadernação semi-industrial. Para uma intervenção generalizada nas colecções da BN, já com base na capacidade da Oficina de Encadernação, com procedimentos semi-industrializados resultante da modernização em curso;

4ª fase – a implementar a médio prazo, a partir de Janeiro de 1999. Trata-se de uma intervenção imediata sobre as novas aquisições de acordo com a expectativa de leitura, a realizar regularmente na Oficina da BN, prevenindo a inevitável deterioração.

A opção feita pela Biblioteca Nacional é cheia de dificuldades mas constitui um desafio que qualquer profissional não poderia desdenhar. As dificuldades derivam da própria complexidade dos procedimentos a introduzir, da familiarização com as máquinas adquiridas, da mudança que esses procedimentos arrastam mas também, e sendo a BN a biblioteca patrimonial por excelência, porque grande parte das colecções da BN têm problemas do foro da conservação e restauro. Portanto, obras a que a *encadernação de biblioteca* não se aplica indiscriminadamente porque cada livro é um livro a exigir uma selecção absolutamente criteriosa.

Para todas as bibliotecas, as decisões no domínio da encadernação convergem para a área da gestão. A minha intenção ao colocar no papel as minhas reflexões foi a de chamar a atenção para o facto da encadernação não se resolver apenas ao nível da intervenção técnica. As decisões nesta matéria são consequência duma interpretação sobre a biblioteca pela qual somos responsáveis e esse papel cabe definitivamente aos bibliotecários, não aos encadernadores.

Um apontamento final apenas para realçar o vasto espaço de desenvolvimento profissional que podemos ajudar a criar: a nossa procura e exigência incessantes acabarão por proporcionar o aparecimento dum mercado e renovar uma arte em vias de extinção. As bibliotecas públicas e as bibliotecas universitárias espalhadas pelo País, talvez possam vir a dinamizar um sector dando origem a novas carreiras e novos empregos e, nesse sentido, pareceu-me oportuno levantar o conjunto de questões que acabo de enumerar.

Bibliografia

MERRILL-OLDHAM, Jan and Paul PARISI – Guide to the Library Binding Institute Standard for Library Binding. Chicago and London, American Library Association, 1990.

MILEVSKI, Robert J. – Book repair manual. Carbondale, IL: Illinois Cooperative Conservation Program, 1984.

